

DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS ENTRE A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL, A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Claudênia de Paula LEMOS

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo: O Presente trabalho pretende esboçar a proposta da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) desenvolvida por Halliday (2004) e seus desdobramentos para outras abordagens linguísticas contemporâneas, apresentando as adaptações realizadas pelos teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Gramática do *Design Visual* (GDV), desenvolvidas, respectivamente, por Fairclough (2001; 2003) e Kress e van Leeuwen (2006). Estes autores sugerem que do mesmo modo como a linguagem verbal produz significados através de suas funções ideacional, interpessoal e textual, as composições visuais também os produzem. Nosso enfoque recai, especificamente, na identificação e utilização das metafunções ideacionais, interpessoais e textuais da linguagem propostas pela gramática funcional da LSF, verificando como essa proposta funcional da linguagem norteia outras vertentes de estudo linguísticas e subsidia questões que envolvem as relações entre a linguagem e a sociedade. Primeiramente apresentaremos os pressupostos da LSF, tida como teoria de base, para depois mostrar como ela foi adaptada em outras abordagens dos estudos da linguagem. Descreveremos as três metafunções propostas por Halliday (2004), em seguida apresentaremos a proposta a ADC e como Fairclough (2001, 2003) adaptou-as e propôs os três significados do discurso. Por fim, descreveremos as funções representacional, interativa e composicional propostas pela GDV. Desse modo, objetivamos realizar um percurso teórico que explique a aplicabilidade dessas abordagens de estudo para o entendimento do uso da linguagem e sua relação dialética com a sociedade, contribuindo para a realização de procedimentos de pesquisa baseados em categorias linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Metafunções; Significados.

Considerações iniciais

A relação entre linguagem e sociedade tem sido o cerne de grande parte dos estudos linguísticos contemporâneos e nos leva a indagar as implicações de uma sobre a outra, sobretudo, no que diz respeito ao modo como essa relação é construída.

Que a linguagem exerce um papel na sociedade, isso é um fato que foi consumado ao longo do firmamento da corrente funcionalista da linguística, a qual defende o caráter motivado da língua e sua evolução em prol das necessidades dos usuários que dela se apropriam, ou seja, da relação mantida entre o sistema interno das línguas e os aspectos sociais que o envolvem. Mas, que caminhos trilhar para entender como a linguagem atua na sociedade?

Estudos da linguística contemporânea da segunda metade do século XX se desenvolveram a partir do conceito de discurso, interpretado genericamente como o uso da linguagem. De acordo com os pressupostos teóricos de Fairclough (2001), o discurso é considerado uma forma de agir socialmente, uma maneira pela qual as pessoas agem em relação às outras. Considerando a linguagem como uma forma de prática social, o autor explica:

O discurso participa das práticas sociais de duas formas: as práticas são parcialmente discursivas (na medida em que falar, escrever, ler e ouvir são formas de ação), mas também são discursivamente representadas. Se essas representações auxiliarem a manutenção de relações de dominação dentro das práticas, elas podem ser chamadas de ideológicas (FAIRCLOUGH, 2001, p.89).

O foco nos estudos do discurso visa não apenas entender o funcionamento da linguagem, mas também o que pode ser transformado, reproduzido ou criado por meio dela, pois “o discurso é uma prática não apenas de representar o mundo, mas de fazê-lo significar, constituindo e construindo o mundo com base em significados” (FAIRCLOUGH, 2001).

Esse funcionamento da linguagem, ou seja, seu uso foi estudado, primeiramente, por meio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (2004), que propõe uma gramática funcional baseada no uso e nas necessidades dos usuários da língua, sendo, portanto, “uma série de recursos para descrever, interpretar, fazer e significar” (BUTT et al., 1995).

De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), a proposta da linguística sistêmico-funcional vê a linguagem de modo dialético, sendo ao mesmo tempo estruturada e estruturadora da sociedade. Por isso, ainda, segundo os autores a constituição semiótica do social está sempre posta em questão quando se trata de analisar a linguagem.

Sendo o funcionalismo um modelo abrangente de estudos que investiga como as formas atuam nos significados e como as funções externas do sistema linguístico influenciam na forma, várias concepções foram desenvolvidas para explicar essa relação dialética. O que é comum entre os estudiosos da relação entre linguagem e sociedade é a busca pela compreensão das implicações das funções sociais no sistema linguístico (NEVES, 2001).

A partir da LSF, outros estudos foram desenvolvidos e ampliaram as teorias lançadas por Halliday (2004) sobre o uso da língua e sua conexão com a sociedade. Assim,

(re) visitamos em nosso estudo duas abordagens baseadas na LSF a fim de demonstrar como esse campo de estudo tem evoluído e como essas teorias têm contribuído para entender o caráter dialético intrínseco nas relações estabelecidas entre linguagem e sociedade.

Esboçamos em nosso trabalho a proposta da chamada Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Gramática do *Design* Visual (GDV), desenvolvidas, respectivamente, por Fairclough (2001; 2003) e Kress e van Leeuwen (2006). Primeiramente apresentaremos os pressupostos da LSF, tida como teoria de base, para depois mostrar como ela foi adaptada em outras abordagens dos estudos da linguagem. Vejamos a seguir.

Linguística sistêmico-funcional (lsf) como teoria de base

De acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) proposta por Halliday (2004), a linguagem deve ser explicada a partir de suas funções na vida social, as quais se refletem nas estruturas internas da língua, que é vista como um sistema de construção de significados que pode se modificar a medida que é utilizado.

Segundo o autor, qualquer faceta da experiência humana pode ser transformada em significado, ou seja, a linguagem oferece uma teoria da experiência humana, e certos recursos lexicogramaticais das línguas são dedicados a esta função.

Ao analisar as estruturas linguísticas, pode-se, portanto, encontrar indícios dos propósitos do usuário da língua em determinada situação. Desse modo, a língua enquanto um sistema de significados gerados por meio de uma rede de opções disponíveis tem a função de servir aos variados tipos de demanda dos indivíduos ao se comunicarem. (NEVES, 2001)

Essa rede de opções que compõem os enunciados dos falantes da língua podem ser explicadas e analisadas através das funções que exercem. Halliday (2004) propôs a existência de três metafunções que se realizam simultaneamente: ideacional, interpessoal e textual.

A metafunção ideacional diz respeito ao fato da linguagem nos permitir falar sobre o mundo e representá-lo, bem como expressar ideias e transmiti-las no processo de comunicação. O reconhecimento e a realização dessa função se dá por meio da transitividade, sendo o enunciado a unidade de análise, a qual é composta por participantes, processos e circunstâncias. Ao analisar a função ideacional por meio da transitividade, evidenciamos

textualmente quem faz, é, pensa, ou diz algo e em que tipo de circunstância, ou seja, a representação da realidade apresentada no enunciado.

A metafunção interpessoal diz respeito às relações que se estabelecem entre os enunciados e seus interlocutores e a interação entre falantes e ouvintes. Essa função é analisada através da modalização, que verifica as diversas formas de atenuar e/ou enfatizar os discursos dos falantes, ou seja, como é estabelecida a interação entre eles.

A metafunção textual diz respeito à estruturação das metafunções ideacional e interpessoal na mensagem, ou seja, a organização dos elementos que compõem os enunciados. A análise dessa função se dá por meio da concepção de tema e rema, respectivamente, o ponto de partida da mensagem e a informação nova, o que será predicado sobre o tema.

Essas metafunções foram divididas para um melhor entendimento de como cada uma se manifesta. No entanto, elas se realizam simultaneamente de modo a compor os enunciados. Ou seja, cada enunciado vai representar a realidade ao mesmo tempo em que vai estabelecer relações com os interlocutores, de modo que a mensagem seja organizada de acordo com os propósitos comunicativos.

Segundo a proposta da LSF, a língua é um sistema utilizado pelas pessoas para realizar escolhas de acordo com o contexto social onde estão inseridas e a gramática, desse modo, serve à análise desses enunciados criados pelos usuários do sistema linguístico.

A LSF, por ser uma teoria multifuncional da linguagem que contempla a análise textual e estabelece relações entre o texto e o contexto social em que se insere, pode subsidiar estudos que analisam as relações entre a linguagem e a sociedade, como é o caso da proposta teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica que veremos a seguir.

A LSF a serviço da Análise de Discurso Crítica (ADC)

Fairclough (2003) desenvolve sua teoria fundamentado na Linguística Sistêmico-funcional (LSF) de Halliday (2004) e faz uma articulação entre as metafunções ideacional, interpessoal e textual da linguagem definidas pela LSF e os conceitos de gênero, discurso e estilo, sugerindo três tipos de significados no lugar delas: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional.

De acordo com Fairclough (2003), em nosso dia-a-dia utilizamos o discurso, entendido como uma forma de prática social, um modo de agir sobre o mundo e sobre as

peçoas, de três principais maneiras simultâneas e dialéticas: para agir e interagir, para representar aspectos do mundo e para representar a nós mesmos e aos outros.

Esses modos como o discurso figura na vida social correspondem aos seus três significados: ação e interação, representação e identificação, os quais se relacionam aos três momentos de ordens do discurso: gêneros, discursos e estilos, respectivamente. Desse modo, o foco de interesse da ADC é investigar como esses significados funcionam na representação de eventos, bem como na construção de relações sociais.

Diante da importância da proposta de Halliday para a constituição dos aportes teórico-metodológicos da ADC, é fundamental entender a ligação entre as funções da linguagem que ele identifica e os significados que Fairclough identificou. Vejamos sucintamente:

LSF	Função ideacional	Função interpessoal	Função textual
	↓	↓	↓
ADC	Significado acional	Significado representacional	Significado identificacional
	↓	↓	↓
	Gênero	Discurso	Estilo

Quadro 1: Funções da linguagem - Adaptações da LSF pela ADC.

Podemos explicar tal relação da seguinte maneira: o significado acional focaliza o texto como modo de (inter) ação em eventos sociais, aproximando-se da função relacional, pois a ação legítima/questiona relações sociais; o significado representacional destaca a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos, aproximando-se da função ideacional; o significado identificacional se refere à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função identitária.

A função ideacional indica que tipo de crenças ou conhecimentos são produzidos, representando, assim, o mundo através dos textos. A função interpessoal diz respeito à relação entre os interlocutores de um texto e se divide em função identitária e função relacional,

chamadas por Fairclough de significados identificacional e acional. A função textual se realiza concretamente no texto por meio da organização de seu fluxo de informação e do motivo de seleção dos elementos que o compõem: informações dadas e novas. Essa função é definida por Fairclough como significado acional.

Essas funções se realizam simultaneamente de modo que os elementos estruturais de um texto, enquanto evento discursivo, ao mesmo tempo em que representam a realidade, estabelecem e criam identidades e relações , bem como organizam as informações neles contidas.

No que diz respeito à análise textual, Fairclough (2003) propõe que os textos sejam examinados quanto à sua produção, distribuição e consumo, atentando para a organização do processo interativo propriamente dito, ou seja, se é produzido de modo escrito ou oral e consumido por leitura ou audição, enfatizando os fatores extrínsecos à linguagem.

Por isso, para analistas de discurso, faz-se fundamental o conhecimento da proposta da gramática funcional desenvolvida pela LSF para que se tenha subsídios para compreender como estruturas linguísticas são utilizadas como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas.

De acordo com Resende (2009), uma questão importante ao se tratar da utilização da LSF pela ADC é reconhecer que a análise linguística textualmente orientada é feita com o propósito de mapear escolhas linguísticas em contextos sociais amplos, visando compreender o funcionamento social da linguagem. Assim, através de análises discursivas críticas, é possível identificar conexões entre escolhas linguísticas das pessoas e os contextos sociais mais amplos nos quais os textos são formulados.

A LSF e a ADC a serviço da Gramática do Design Visual (GDV)

A fim de propor um método de análise dos textos multimodais, de acordo com os postulados da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday, Kress e van Leeuwen (2006) desenvolveram a Gramática do *Design Visual* (GDV), sugerindo que do mesmo modo como a linguagem verbal produz significados através de suas funções ideacionais, interpessoais e textuais, as composições visuais também os produzem.

Os autores propõem a organização das composições visuais em três metafunções correspondentes às metafunções propostas por Halliday na LSF: metafunção representacional

relacionada à ideacional, metafunção interativa relacionada à interpessoal e metafunção composicional relacionada à textual, conforme demonstramos abaixo:

LSF	Função ideacional	Função interpessoal	Função textual
	↓	↓	↓
GDV	Função representacional ↓ Relação entre participantes	Função interativa ↓ Relação entre imagem e observador	Função composicional ↓ Relação entre os elementos da imagem (composição visual)

Quadro 2: Funções da linguagem - Adaptações da LSF pela GDV.

Ao aderir à noção de função como o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo às diversas demandas em diversos contextos de uso, a GDV defende que as imagens se compõem, simultaneamente, de significados provenientes de funções representacionais, interacionais e composicionais.

Desse modo, a proposta de Kress e van Leeuwen (2006) desmistifica a ideia generalizada de que a imagem funciona como mero suporte para o entendimento do texto escrito, mostrando como seus significados são construídos nas composições visuais e servem às diversas necessidades comunicativas dos indivíduos.

A função representacional (relacionada à função ideacional da LSF) diz respeito às representações das experiências do mundo, ao que é mostrado através da relação entre os participantes da composição visual (pessoas, objetos ou lugares) e se divide em narrativa e conceitual. A representação narrativa corresponde a um processo de ação representado por um vetor (direção reta em forma de seta), que indica a interação entre os participantes por meio do direcionamento do ator (elemento principal de onde parte o vetor) para a meta (elemento a quem o vetor se dirige), mostrando o movimento daquele que pratica a ação para aquele a

quem a ação é dirigida. Essa estrutura composta por ator e meta é denominada transacional. Nos casos em que há apenas o ator, ou seja quando a ação não se dirige a ninguém, a estrutura é denominada não-transacional. Há casos de estruturas transacionais em que os participantes podem ser ora ator, ora meta, sendo denominados interatores de uma estrutura bidirecional.

Quando a ação de um participante parte de seu olhar (nesse caso, o participante precisa ter traços humanos), o processo não é uma ação, mas sim uma reação. Quem olha é denominado reator e se direciona a um alvo, denominado fenômeno. Se o reator olha para algo ou alguém que podemos identificar na composição visual, temos uma reação transacional, caso não seja possível visualizar seu alvo, temos uma reação não-transacional.

Em representações conceituais não há ações sendo executadas, mas sim a descrição do participante representado por meio de um processo classificacional, analítico ou simbólico identificando classes, estruturas ou significações. No processo classificacional, os participantes são apresentados em grupo definido por suas características comuns e interagem de forma taxonômica atuando como subordinados a, no mínimo, outro participante, denominado superordinado. No processo analítico, os participantes se relacionam através de uma estrutura e não de uma ação, relacionando a parte e o todo, que são denominados, respectivamente, atributos possessivos e portador.

O processo simbólico diz respeito ao que o participante significa ou é. Esse processo pode ser atributivo (o significado do participante aparece realçado por seu posicionamento entro da imagem, iluminação, tamanho e demais formas de detalhamento) ou sugestivo (o significado simbólico é estabelecido por meio de mistura de cores e obscurecimento de detalhes e o participante aparece como um contorno ou silhueta).

A função interativa (relacionada à função interpessoal da LSF) propõe estratégias de aproximação ou afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor através dos seguintes processos: contato, distância social, perspectiva e modalidade.

O contato se realiza mediante o vetor que pode ou não se formar entre a linha do olho do participante da composição visual e o leitor (observador). Quando o olhar do participante é direto, temos uma demanda por parte do produtor do texto, que quer agir sobre o observador da imagem. Ao contrário, quando o participante não olha diretamente para o observador a situação se inverte e ele passa a ser o alvo do olhar, não havendo demanda e sim oferta.

A distância social se manifesta através do enquadramento da imagem, colocando o participante da composição visual perto ou longe do observador. Do mais próximo ao mais distante, esses enquadramentos podem ser, respectivamente: plano fechado (inclui a cabeça e os ombros do participante); plano médio (inclui a imagem do participante até a altura do joelho); e plano aberto (inclui o participante por inteiro).

A perspectiva diz respeito ao ponto de vista ou ângulo em que os participantes são apresentados: ângulo frontal (indica envolvimento), oblíquo (indica alheamento) e vertical (indica poder ou igualdade quando se situa no nível do olhar).

A modalização se refere aos mecanismos modalizadores do nível de realidade representada pela imagem, podendo se aproximar ou se afastar do real. Esses mecanismos são: utilização da cor, contextualização, iluminação e brilho.

A função composicional (relacionada à função textual da LSF) trata da combinação dos elementos visuais da imagem, organizando os elementos representacionais e interativos para que se integrem e façam sentido juntos. Essa função se realiza através da relação entre o valor de informação, a saliência e a estruturação ou moldura.

O valor de informação se estabelece por meio do posicionamento dos elementos dentro da composição visual: esquerda (informação dada) /direita (informação nova); topo (informação ideal) /base (informação real); centro (núcleo da informação) /margem (informação dependente ou subordinada ao núcleo).

A saliência trata da ênfase ou importância hierárquica de alguns elementos da composição visual através de efeitos de cores, tais como brilho, contraste, superposição, intensificação, suavização, dentre outros.

A estruturação ou moldura se refere à interligação dos objetos na composição visual, que podem estar relacionados ou separados, conectados ou desconectados e se manifesta como forte ou fraca. A estruturação forte se dá por meio de formas e contrastes salientados na imagem e a estruturação fraca por meio do uso de cores e formas semelhantes, criando um fluxo contínuo na composição visual.

Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que a análise da função composicional deve sempre abranger as funções ideacionais e interpessoais da linguagem, pois são elas que nos permitem verificar como o mundo está sendo representado e como as relações sociais estão se realizando através do discurso multimodal. Elaboramos algumas questões que podem ser

ponto de partida e nortear possíveis análises das três funções das composições visuais. Vejamos:

FUNÇÕES DA COMPOSIÇÃO VISUAL	QUESTÕES NORTEADORAS DE ANÁLISE
Função representacional	Quais são os participantes da composição visual e quem/ o que está sendo representado?
Função interativa	Quais as relações estabelecidas entre os participantes? E entre os participantes e o leitor?
Função composicional	Como os elementos da composição estão organizados?

Quadro 3: questões norteadoras de análise da composição visual

A GDV, ao explicar os elementos constituintes dos textos multimodais, aponta para os significados específicos que as estruturas visuais carregam, e assim como as estruturas linguísticas, apontam para interpretações particulares das experiências e das interações sociais. Mesmo que alguns significados se manifestem tanto em textos verbais quanto visuais, é importante salientar que duas expressões de um mesmo significado não serão necessariamente coincidentes e podem passar mensagens completamente diferentes.

Considerações finais

De acordo com Fairclough, a LSF é bastante adequada para a ADC por estar "profundamente interessada na relação entre linguagem e outros elementos e aspectos da vida social, e [por] sua abordagem à análise linguística de textos [ser] sempre orientada para o caráter social dos textos" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 5). Desse modo, ela (a LSF) permite a análise léxico-gramatical dos usos da linguagem em contextos específicos.

A LSF juntamente com a ADC enquanto uma teoria social do discurso serviu à teoria da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (2006) para desenvolver uma gramática do texto visual e assim permitir uma maior precisão em análises desses tipos de texto, adotando o princípio funcional da linguagem e levando em consideração o contexto de

produção e recepção das composições visuais entendidas como produtoras de significados e não apenas como suporte para o entendimento da linguagem verbal.

Diante do breve percurso que fizemos pela LSF e por seu uso como teoria de base para outras abordagens da linguística contemporânea, podemos ver sua grande aplicabilidade para o entendimento do uso da linguagem e sua relação dialética com a sociedade, contribuindo para a realização de procedimentos de pesquisa baseados em categorias linguísticas.

Estivemos longe de demonstrar todos os desdobramentos e usos dessa teoria, mas nosso objetivo foi exemplificar como ela tem contribuído para compor novos estudos, estando sendo adaptada e evoluindo juntamente com outras teorias e abordagens teórico-metodológicas de análise linguística.

O percurso teórico tecido aqui apresentou estudos linguísticos contemporâneos que visam entender o funcionamento e o uso da linguagem na sociedade. Esses desdobramentos da LSF apontam para a sistematicidade da linguística como campo de estudo da linguagem e suas múltiplas semioses, servindo à compreensão de como produzem sentido e atuam nas interações sociais.

Referências

BUTT, D. et al. *Using functional grammar: an explorer's guide*. Sydney: Macquarie University, 1995.

CHOULIARAKI, L. ; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh : Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. Londres: Routledge, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Trad. Magalhães I. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed. London: Edward Arnold, 2004.

KRESS, G.; van LEEUWEN T. *Reading images: the Grammar of visual L*. London: Routledge, 2006.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. São Paulo: Pontes Editores, 2009.